

potencialização feminina



“No espaço físico de uma delegacia de polícia em São Borja, duas acadêmicas do Curso de Psicologia da URI e eu, como supervisora de estágio em Psicologia Social e Institucional, organizamos um grupo de apoio psicossocial a mulheres vítimas de violência. O grupo é quinzenal, de livre adesão e vem congregando ‘múltiplas’ mulheres: acadêmicas, policiais civis e mulheres da comunidade. A partir do principal objetivo de promoção de um espaço de acolhimento e escuta, visando à potencialização da figura feminina na contemporaneidade, construímos essas práticas. Diversas dinâmicas, como textos significativos, desenhos, livre expressão/circulação da palavra, arte e vídeos vêm sendo utilizados como disparadores para as trocas e o acolhimento vivenciado por todas as participantes, indistintamente.

Temos visto revelada a fragilidade da rede prestadora de acolhimento a pessoas e coletivos em situação de alguma vulnerabilidade, a quase ausência de efetivas políticas públicas para o acompanhamento tanto das vítimas como de agressores, o fundamental papel desempenhado pela polícia civil no manejo e acolhimento a essa parcela da população; papel esse que se materializa quando, em busca do campo de estágio, o delegado responsável apoia, viabiliza e valoriza as práticas dessas acadêmicas junto à Delegacia de Polícia Civil.

O trabalho em grupo gera o que chamamos de processo grupal, em que as intervenções possibilitam a significação das vivências das participantes, a elaboração de experiências, o compartilhamento da dor e dos mecanismos de superação.

O tempo é parceiro na gradativa construção do espaço de partilhamento e confiança, alívio do sofrimento, fala,

escuta, que a todas as participantes, indistintamente, vem promovendo no sentido de potencializar sua autonomia/construção subjetiva conjunta, na medida em que esse grupo, constituído de múltiplas mulheres, vem discutindo a violência doméstica, as relações de gênero, o papel da mulher na contemporaneidade. Relativizam-se a ciência e os papéis destinados a cada agente social e aquelas que sofrem/sofreram violência produzem saberes/fazeres relevantes para o tecido social. A nós, acadêmicas e supervisora, resta continuarmos levando nossas subjetividades para serem pensadas junto, bem como estudarmos e prevermos ações baseadas nos principais marcos legais e políticas públicas como a Política Nacional para o Enfrentamento da Violência contra a Mulher, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres e o Pacto Nacional, bem como no que tange às discussões acadêmicas (disciplinas, pesquisas, transversalidade) referentes ao tema.”



ANAHY SILVEIRA FREITAS AZAMBUJA DE OLIVEIRA |

Psicóloga, supervisora de estágio em Psicologia Social e Institucional e Psicologia Clínica, pesquisadora e extensionista nas áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na URI/Santiago.

psicanahy@urisantiago.br

Participe!

Quer compartilhar sua experiência como psicólogo/a? Envie um relato para imprensa@crprs.org.br.

entrelinhas

ano XVII | nº 75 | jan/fev/mar/abr 2017



Mala Direta Postal
Básica

9912323789/2013-DR/RS
CRPRS

...CORREIOS...



sistema penal e reforma psiquiátrica



Segurança Pública | Acompanhamento Terapêutico | Dicas culturais | População Trans